

O RAPAZ MILIONÁRIO

David Walliams

Ilustrado por Tony Ross

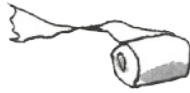
Tradução de Rita Amaral



 Porto
Editora

Voor Lara,
Ik hou meer van je, dan ik met woorden kan zeggen
(Para a Lara, Amo-te mais do que as palavras podem dizer.)

Este é o Joe Batata



Alguma vez pensaste como seria ter um milhão de euros?

Ou mil milhões?

E que tal um trilião?

Ou até um zilião?

Este é o Joe Batata.



Joe não precisava de imaginar como seria ter montes e montes e montes de dinheiro. Ele tinha apenas 12 anos, mas era mesmo muito rico. Aliás, estupidamente rico.

Joe tinha tudo o que alguém poderia querer.

- Plasmas de 100 polegadas de alta definição em todas as divisões da casa ✓
- 500 pares de sapatilhas Nike ✓
- Uma pista de corridas de Fórmula 1 no jardim ✓
- Um cão robô importado do Japão ✓
- Um carrinho de golf para andar pela propriedade da casa, com a matrícula BATATA2 ✓
- Um escorrega de água que ligava o seu quarto a uma piscina olímpica interior ✓
- Todos os videojogos do mundo ✓
- Um cinema 3D na cave ✓
- Um crocodilo ✓
- Uma sala de *bowling* subterrânea com 10 pistas ✓
- Mesa de bilhar ✓
- Máquina de pipocas ✓

- Parque de *skate* ✓
- Outro crocodilo ✓
- Semanada de 100 mil euros ✓
- Uma montanha-russa no jardim ✓
- Um estúdio de gravações profissional no sótão ✓
- Treino individual de futebol com a seleção inglesa ✓
- Um tubarão verdadeiro num tanque ✓

Resumindo, Joe era um rapaz terrivelmente mimado. Estudava numa escola tão exclusiva que até era ridículo. Voava num avião privado sempre que ia de férias. Houve uma vez que chegaram a fechar a *Disneyworld* por um dia, só para ele não ter de ficar à espera nas filas.

Lá vai o Joe. A acelerar o carro de Fórmula 1 na sua pista privada.

Algumas crianças muito ricas têm versões em miniatura de certos carros construídas especialmente para eles. Joe não era uma dessas crianças. Joe queria que o seu carro de Fórmula 1 fosse ainda *maior*. Ele era bastante gordo, sabes? Na verdade,

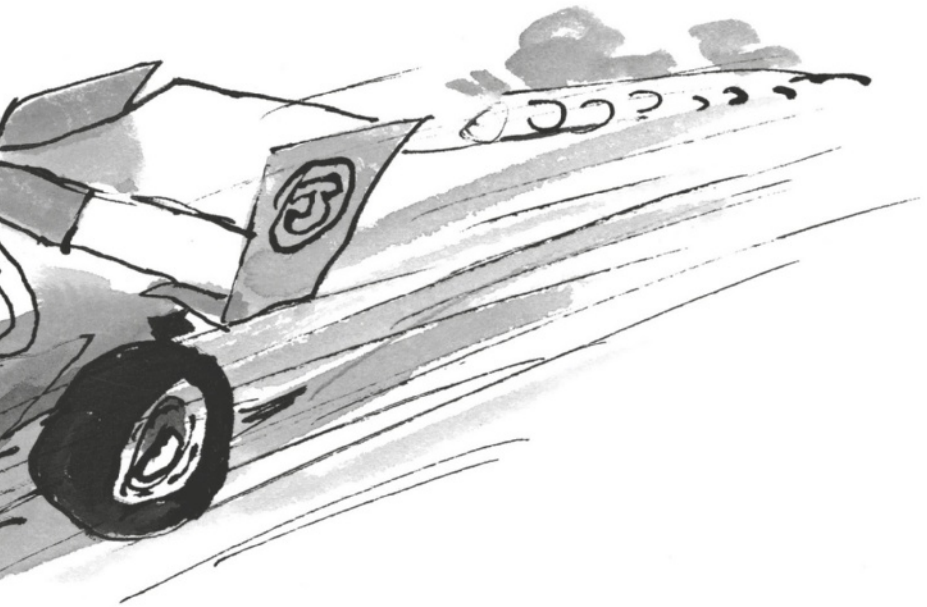
era de esperar que fosse, não é? Já que podia comprar todo o chocolate do mundo...

Deves ter reparado que o Joe está sozinho nesta imagem. Para dizer a verdade, acelerar numa pista de corridas não é muito divertido quando se está sozinho, mesmo que se tenha um trazião de euros. É sempre necessário ter alguém contra quem competir. O problema é que o Joe não tinha amigos. Nem um.



• Amigos ✂

Ora bem, conduzir um carro de Fórmula 1 e desembulhar um chocolate Mars gigante são duas coisas que não se devem fazer ao mesmo tempo. Mas já se tinham passado uns minutos desde a última vez que Joe tinha comido, e ele estava com fome. Ao fazer uma curva em S, rasgou o papel do chocolate



sofá de 100 lugares, feito de pele de crocodilo, e não tirou os olhos do jornal.

– Não te preocupes, Joe – disse ele. – Eu compro-te outro.

Joe deixou-se cair no sofá ao lado do pai.

– Ah, e já agora, parabéns, Joe.

O Sr. Batata deu um envelope ao filho sem levantar os olhos da página de anúncios para adultos.

Joe abriu o envelope com entusiasmo. Quanto dinheiro iria receber este ano? O cartão, onde se lia “Felizes 12 anos, filho”, foi rapidamente posto de lado em detrimento do cheque que estava dentro do envelope.

– Um milhão de euros? – comentou Joe, sem esconder a sua desilusão. – Sóóóóó...?

– O que se passa, filho?

O Sr. Batata pousou o jornal por um momento.

– Deste-me um milhão no ano *passado* – queixou-se Joe.
– Quando fiz 11 anos. Devia receber mais por fazer 12, não?

O Sr. Batata tirou o livro de cheques do bolso do seu fato cinzento brilhante de alta-costura. O fato era horrível e horriavelmente caro.

– Desculpa, filho – disse ele. – Vou dar-te dois milhões.

Bem, é importante saberes que o Sr. Batata nem sempre foi assim tão rico.

A família Batata vivera uma vida muito humilde, e não há muito tempo. O Sr. Batata trabalhava numa fábrica de rolos de papel higiénico, na periferia da cidade, desde os 16 anos. O trabalho do Sr. Batata era *tããããããoooo* aborrecido. Tinha de enrolar papel higiénico nos tubos de cartão que ficam no meio dos rolos.

Rolo após rolo.

Dia após dia.

Ano após ano.

Década após década.



Fê-lo, uma e outra vez, até quase perder a esperança. Ficava o dia inteiro de pé, em frente à correia transportadora, ao lado de outros trabalhadores entediados, repetindo a mesma tarefa entorpecedora.

De cada vez que o papel acabava de ser enrolado num dos tubos de cartão, o processo começava de novo. E todos os rolos de papel higiénico eram iguais. Por serem tão pobres,

o Sr. Batata costumava fazer presentes de aniversário e de Natal para o filho com o cartão dos rolos de papel higiênico. O Sr. Batata nunca tinha dinheiro suficiente para oferecer ao Joe os brinquedos mais modernos, mas construía-lhe um carro de corrida com o rolo de papel higiênico ou um forte de rolos com dezenas de soldados também feitos de rolo. A maior parte destes brinquedos rasgavam-se e iam parar ao caixote do lixo. Joe tinha conseguido salvar uma pequena nave espacial feita de rolos, apesar de não saber bem por que razão a tinha guardado.

A única coisa boa de trabalhar numa fábrica era o facto de o Sr. Batata ter imenso tempo para poder sonhar acordado. Certo dia, ao divagar, teve uma ideia que iria revolucionar para sempre a limpeza de rabiosques.

Porque não inventar um rolo de papel higiênico que fosse húmido num dos lados e seco no outro?, pensou ele, ao enrolar o milésimo rolo daquele dia. O Sr. Batata manteve esta ideia em total segredo, e trabalhou no duro horas e horas, fechado na casa de banho do pequeno apartamento no bairro social onde vivia, até conseguir o rolo de papel higiênico de dupla-face, exatamente como tinha sonhado.